



O JOGO DO EU PARA JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE¹

Franciele Becher²
Nilda Stecanela³

INTRODUÇÃO

A pesquisa que origina as reflexões que ora apresentamos alguns resultados parciais – Ler e escrever a vida: trajetória de jovens em privação de liberdade - iniciou em 2008 com a busca de autorização judicial, junto ao Juizado da Infância e da Juventude, para abordagem dos jovens em conflito com a lei. Os primeiros contatos com o campo de investigação seguiram-se através de entrevistas informais com os professores da escola inserida na instituição-cenário do estudo: um Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE), localizado numa cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Além dos professores, vinculados à Secretaria de Educação, a pesquisa previa entrevistas exploratórias também com os técnicos responsáveis pelos processos de ressocialização dos jovens em conflito com a lei e vinculados à Secretaria de Segurança Pública.

A segunda fase da investigação seguiu-se a partir de março de 2009. A equipe de pesquisa promoveu um encontro com os jovens para sensibilizar e convidar para participarem do estudo, por meio da troca de cartas com os pesquisadores. Através da projeção dos objetivos e procedimentos da investigação e de algumas cenas do filme *Escritores da Liberdade*, fez-se uma sensibilização sobre as potencialidades das escritas de si. Ao todo foram quatro sessões de 20 minutos, com aproximadamente 20 jovens participantes, organizados conforme as subdivisões internas de cada setor (A e B).

Ao final de cada apresentação, abriu-se espaço para manifestação de dúvidas e entrega dos suportes para a escrita das cartas: envelope contendo uma primeira carta com o convite e contextualização da pesquisa; um termo de consentimento livre e esclarecido; um envelope e uma folha de papel almaço, caso optassem por escrever as cartas.

¹ Além das autoras deste texto, a pesquisa conta com a colaboração de outros pesquisadores: Evaldo Antonio Kuiava – PPGEDU/UCS; Carmem Maria Craidy - PPGEDU/UFRGS; Delcio Antonio Agliardi - Associação Criança Feliz; Morgana Bozza – PIBIC/CNPq (a partir de fevereiro de 2010).

² Mestranda em História Social da UFRGS. Bolsista do PIBIC/CNPq no período de agosto de 2008 a janeiro de 2010.

³ Doutora em Educação. Docente no PPGEDU/UCS. Professora na Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Coordenadora do Observatório de Educação da UCS.



Esclarecemos que o conteúdo das cartas seria mantido em sigilo, assim como a participação voluntária, com possibilidade de iniciar ou de romper com o fluxo das cartas a qualquer momento, consoante a necessidade e o desejo dos jovens. A diretora da escola foi definida como a pessoa responsável pelo recolhimento das correspondências, sempre lacradas e com o codinome de cada jovem.

O fluxo de escrita de cada jovem era variável, porém, a equipe manteve uma periodicidade quinzenal no envio de respostas e/ou recolhimentos das correspondências. Sempre que houvesse uma quebra nos fluxos, por exemplo, quando um jovem deixava de escrever, o grupo de pesquisadores remetia uma nova carta, em tentativas de motivar as continuidades nas interlocuções.

Os manuscritos das cartas dos jovens foram digitados, assim como as respostas dos pesquisadores. Organizamos um arquivo de texto para cada um dos jovens, com um cabeçalho indicando o nome do jovem, a data ou o período em que a carta havia sido escrita, e se era a primeira, segunda, terceira... correspondência enviada.

Transcrevemos as cartas sempre procurando manter ao máximo a escrita original dos jovens, somente intervindo na pontuação ou ortografia para facilitar a leitura dos pesquisadores. Quando havia pequenas frases, recados ou pedidos na parte de trás das cartas, ou muito ao fim do texto, sempre sinalizamos com uma fonte de formatação diversa para informar sobre como a carta estava organizada. De qualquer forma, os exemplares originais das cartas foram organizados nos arquivos de cada um dos jovens, seguindo uma ordem cronológica de recebimento.

Feita a transcrição, um dos pesquisadores (ou mesmo uma dupla de pesquisadores) se propunha a responder uma ou mais cartas. Optamos por enviar para o jovem, junto com a nossa resposta, a transcrição de sua carta anterior, como forma de ativar sua memória sobre a interlocução que estava sendo estabelecida. A nossa resposta ao jovem era colocada em seguida, com um cabeçalho semelhante ao descrito anteriormente (porém, indicando ser a “primeira” ou “segunda” resposta). A fonte usada foi a mesma, somente mudando-se a sua formatação para itálico. Durante o trabalho de campo, no ano de 2009, optamos por assinar as cartas em grupo, independentemente do pesquisador que havia escrito originalmente. Eventualmente, um ou outro jovem remeteu sua resposta para um membro específico da equipe.

As respostas eram colocadas em envelopes meio-ofício lacrados, que por sua vez eram colocados em envelopes maiores, contendo uma folha de papel almaço e um envelope para a próxima resposta do jovem.



O corpus da pesquisa⁴ compõe-se de 97 cartas trocadas, entre 9 jovens e a equipe de pesquisadores, totalizando 140 páginas de material empírico para análise. A partir de janeiro de 2010, iniciamos a terceira fase da pesquisa, através da realização de entrevistas em profundidade com 3 jovens, os quais continuam mantendo o fluxo das cartas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, perfazendo um acervo de 150 páginas, em fase de análise.

O tratamento dos dados construídos no campo da pesquisa está sendo feito seguindo os princípios e procedimentos da análise textual discursiva abordada por Moraes (2007). Com base nos percursos realizados até o momento, apresentamos e discutimos neste texto uma das categorias emergentes do material analisado e possível de vir à tona graças às escritas de si através das cartas: a estruturação do eu juvenil em contextos de privação da liberdade

1. As identidades juvenis (em contextos prisionais)

Os jovens participantes de nossa pesquisa estruturam suas identidades em contextos caracterizados pelas experiências de risco e pela vulnerabilidade social. As vivências com o mundo das drogas, especialmente com a dependência química, coloca-os em processos de abreviação da própria condição juvenil. No entrelaçamento das espacialidades e das temporalidades do cotidiano se coadunam os diferentes polos estruturadores de suas identidades (MELUCCI, 2004). Os espaços-tempos anteriores ao ato infracional caracterizam-se por uma aceleração do tempo, numa vivência intensa e alucinógena que multiplica suas capacidades de viverem o presente. Por sua vez, o tempo da privação da liberdade pode ser caracterizado como um tempo dilatado que coloca em suspensão o próprio direito de viver a juventude. Delegam, portanto, para o futuro todos os sonhos projetados e as identidades desejadas em torno de uma vida digna, afastada do crime e das drogas, em consonância com a família de origem e/ou própria família, em articulação com outras instituições sociais, como é o caso do mundo do trabalho e da escola.

Buscando em Melucci (2004), as categorias teóricas para a compreensão de como se estrutura nossa identidade, podemos dizer que elas são constituídas pela “forma como nos reconhecemos e afirmamos nossa diversidade, como interiorizamos o reconhecimento por parte dos outros e a definição que eles formulam sobre nossa diferença” (p. 50).

Para o sociólogo italiano, isso caracteriza um sistema de relações e de representações, informando a presença de um eu múltiplo: “A identidade é, em cada caso, uma relação que

⁴ Atualizado até o dia 28 de maio de 2010. As cartas foram formatadas em arquivos .doc, com configuração de papel A4 e margens definidas de acordo com as normas da ABNT.



compreende nossa capacidade de nos reconhecermos e a possibilidade de sermos reconhecidos pelos outros” (p. 50). Entretanto, esse sistema não é linear, antes pelo contrário. É constituído por um campo que se alastra e se encolhe, modificando as fronteiras entre as múltiplas faces do eu, conforme a intensidade e a direção das forças que o compõe. Participam desse sistema alguns vetores, ora mais fortes, ora mais fracos, e até mesmo ausentes, dando origem a, pelo menos, quatro dimensões da identidade: identidade segregada, identidade heterodireta, identidade rotulada e, identidade desviante (MELUCCI, 2004, 51-52). Em certa medida, os jovens em conflito com a lei e em privação de liberdade participam destas múltiplas configurações identitárias perfazendo uma situação que pode ser associada a uma crise das identidades, tendo em vista que é muito difícil manter um equilíbrio entre os múltiplos vetores que a compõe.

Segundo Melucci, nossa identidade é relacional, e a tensão “eu-outro” é insuperável: “Eu sou para Ti o Tu que Tu és para Mim” (2004, p. 45). A multiplicidade de modelos de identidades que concorre em nossos processos identitários em diferentes fases de nossas vidas, algumas vezes, se entrelaçam e convivem simultaneamente. No caso dos jovens, isso é ainda mais presente.

As oposições entre os pólos de auto-reconhecimento e do hetero-reconhecimento geram conflitos, pois implicam tensão entre a forma como nos definimos e o modo como os outros nos definem. Stuart Hall (2003, p. 8-9) nos afirma que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, deslocadas e fragmentadas, o que gera transformações nas identidades pessoais, e um abalo na ideia que temos ou construímos sobre nós mesmos, enquanto sujeitos integrados. As “crises de identidade”, geradas pela experiência da dúvida e da incerteza, provocam um duplo deslocamento: do sujeito de seu lugar no mundo social e cultural, e do sujeito sobre si mesmo. Para o autor, (2003, p. 13) o sujeito pós-moderno é aquele que assume diversas identidades, em diferentes momentos. Identidades essas que “não são unificadas em torno de um ‘eu’ coerente”, já que uma identidade unificada, completa coerente é vista por Hall como uma fantasia. A exemplo das polaridades sugeridas por Melucci, nossas identificações são continuamente descoladas: em nosso interior habitam identidades contraditórias, que se empurram continuamente em diferentes direções.

Partindo da instalação dessa crise das identidades, e da impossibilidade de se manter uma configuração estável espacial e temporalmente, crescem as possibilidades de conflitos coletivos e interpessoais. Esvaziando o sujeito e substituindo seus conteúdos permanentes por conteúdos mutáveis, produzindo uma capacidade simbólica de reconhecimento, podemos estabelecer uma forma de enfrentamento a esses desafios.



Essa pertença a múltiplos grupos em função dos múltiplos papéis sociais que assumimos nos torna, nas palavras de Melucci, “nômades do presente” (2004, p. 61), pressionados em direção a uma mutação constante que amplia o campo da experiência. Dessa forma, a experiência se transforma em uma construção artificial, “um produto gerado mais por relações e representações do que por circunstâncias, leis naturais ou casualidades” (MELUCCI, 2004, p. 14). As referências tradicionais (família, Igreja, partido, raça, classe), que forneciam elementos para um processo de identificação enfraquecem, dificultando ainda mais a resposta à pergunta “quem sou eu” (MELUCCI, 2004, p. 61).

A multiplicidade que o eu assume nos obriga “a renunciar ao enfoque estático sobre a identidade e nos direciona para os processos móveis da identificação” (MELUCCI, 2004, p. 64). O processo de “fragmentação identitária” que é instalado traz a necessidade de uma constante “negociação” entre as diversas partes do eu, em busca da manutenção de uma pretensa unidade, fazendo-o coexistir com as partes. Nesse processo de negociação somos forçados a fazer escolhas, a descartar. Porém, nada é “definitivamente perdido, mas também nada é definitivamente adquirido”, a provisoriedade e a reversibilidade tornam-se constitutivas da experiência (MELUCCI, 2004, p. 68). Melucci nos diz ainda que “para manter a própria unidade, a única saída é aprender a abrir e fechar, a participar e subtrair-se ao fluxo das mensagens, à chamada dos possíveis e às exigências dos afetos” (2004, p. 69). Talvez, esteja aí um dos maiores desafios para os jovens desta pesquisa, pois, manter a unidade do eu, como jovem, diante dos múltiplos fragmentos que os compõem, é um desafio permanente em suas trajetórias.

2. A estruturação do eu juvenil (afastado da interação com o mundo externo)

As escritas de si podem se constituir em suporte importante para a explicitação e reflexão das múltiplas identidades que concorrem para a estruturação do eu na privação da liberdade. Vários autores servem de referência para estas potencialidades, abordando como os arquivamentos do eu podem contribuir para a compreensão dos processos identitários dos sujeitos privados da liberdade, entre os quais, podemos citar: Câmara (2001), Pais (2005), Artières (1998), Foucault (1997).

Nas narrativas produzidas em cada carta escrita pelos jovens desta pesquisa ficaram sublinhados os ecos das imagens de si construída por cada um, algumas em caráter amplificado e outras em som abafado, aspectos que demandaram habilidades para escutar os silêncios que perpassaram cada registro nas múltiplas linhas traçadas por eles.



Pensando nos jovens desta pesquisa podemos estabelecer algumas aproximações com as contribuições de Dubar (2006, p. 172-178) sobre a “identidade narrativa” e as “linguagens da identidade pessoal”. Para esse autor, as questões de identidade são fundamentalmente questões de linguagem, pois se identificar ou ser identificado não seria apenas uma projeção sobre algo, ou uma assimilação a alguma coisa: seria antes de mais nada “dizer-se através de palavras” (2006, p. 172). Nesse sentido, a identidade narrativa seria uma construção. As “palavras identitárias”, diferentemente das “categorias oficiais”, constituem-se em categorias que as próprias pessoas criam e fazem uso para narrar suas experiências e para identificar o olhar que emitem sobre o seu próprio eu e para o lugar que ocupam no contexto social.

Melucci (2001, p. 87-98) complementa afirmando que o narrar é uma das formas de responder aos desafios da identidade. Considerada como uma das experiências mais significativas, a narração cumpre duplamente as funções de definição de fronteiras e de manutenção da continuidade do eu: “o narrar tem, pois, que ver com a identidade em dois sentidos: enquanto os sujeitos se constituem através de narrações, porém, também enquanto através delas se apresentam aos outros.” (2001, p. 97). Essa perspectiva identitária é de extrema importância para os pesquisadores na medida em que “em todo relato de si, podemos identificar os interlocutores para os quais se produz o discurso”. Melucci (2001) considera esse processo como “um jogo de espelhos”, pois, na base dos relatos, encontram-se os reflexos dos outros em nós mesmos.

Foi com este intuito que nos alçamos a campo, escrevendo, recebendo e respondendo cartas, quase todas direcionadas para um contexto específico da socialização juvenil.

Ao narrarem-se, através das cartas, os jovens interlocutores desta pesquisa foram mostrando-se, para o outro e para si mesmos, e, embora não possuam espelho no espaço do confinamento, ao darem-se a ler, através das cartas, procederam com uma espécie de “paginação da própria vida” (PAIS, 2005), “pondo em revista” (FOUCAULT, 2006) o cotidiano prisional e suas culturas institucionais, numa espécie de efeito espelhamento, conforme situou Melucci (2004).

Um conjunto de identificações emerge nas (entre)linhas das cartas escritas, as quais não caberiam no espaço destinado a este artigo, fato que nos obriga a fazer escolhas, abordando apenas algumas. De qualquer forma, o que fica mais evidente é a identidade de *prisioneiro*, narrada por todos os jovens, direta ou indiretamente. Para J1, “viver na privação da liberdade é muito complicado, aqui quem manda são eles, e quem obedece somos nós”. As narrativas do jovem J5 informam a incorporação quase passiva da rotina na privação da liberdade e assunção da identidade de prisioneiro: “Meus dias são normais como de um preso qualquer (...)”. Outro jovem, autor de



pelo menos uma poesia ao final de cada carta escrita, inicia um de seus poemas expressando: “*Sou um triste prisioneiro, herdeiro da solidão*” (J7).

O jovem, enquanto uma categoria socialmente construída e carregada das representações em torno dos signos da virtude, da “moratória social” e da “moratória vital” (MARGULIS; URRESTI, 1998), fica subsumido nos contextos narrados, quase sempre associados a processos de negligência familiar, cooptação pelos grupos de pares dominantes, violência e vulnerabilidade social.

Em algumas situações, desafiados pelos interlocutores das cartas, a identificação como jovem até aparece, mas, de forma combinada com a de preso, conforme a narrativa de J8: “*Ser jovem e preso, isso para mim não é nada bom, e nem pros meus amigos, assim seja nós estamos perdendo toda a nossa juventude, pois já perdemos toda a infância (...)*”.

Embora não sejam os jovens das camadas populares os únicos a comporem as estatísticas dos que cometem atos infracionais, eles são a maioria no contexto investigado. Ultrapassar a “profecia que se autocumpre” (SOARES, 2004) é uma luta que os jovens nestas condições travam diariamente, pois eles são os grandes protagonistas que engrossam as estatísticas das “transições negadas” (CAMARANO, 2006):

Daqui dois meses estou completando 20 anos. Já ouvi muitas vezes as pessoas falarem que eu não chegaria aos 18 anos, seria uma sorte se chegasse, então acho que sou um cara de sorte, mas não foi por falta de inimigos porque várias vezes já tentaram me matar, até mesmo a polícia. (J7)

O crescimento dos homicídios que atingiram a população masculina jovem no Brasil, entre 1980 e 2000, enquadra esse recorte da população juvenil no processo das transições interrompidas por causas violentas, indicando um evento típico da juventude nas sociedades contemporâneas, dado pelo aumento da criminalidade e da violência, sugerindo a tipologia “transições negadas” (CAMARANO, 2006).

Em consequência das identificações como prisioneiros, emergem em grande medida as causas dos atos infracionais, em geral, associados à dependência química. A identidade de jovem viciado ou dependente químico é potencializadora das demais, pois, à droga são atribuídas as outras identidades, como por exemplo, de assaltantes ou homicidas.

Luta, costume dizer que tenho que matar um leão por dia. Tenho uma doença para lidar e essa doença é emocional. Sou dependente químico, e não posso nem sequer tomar um remédio que me sinto com vontade de usar drogas. (J1)

Impossibilitados de atender aos apelos de um modelo de comportamento social, os jovens dependentes químicos o fazem a partir da negação, através das identidades desviantes citadas por Melucci (2004), construindo identidades transgressoras pelo porte e consumo de drogas ilícitas.



Me seguro com todas as minhas forças, mas não só a minha pois sem Deus com certeza eu não conseguiria me manter longe do vício. A cada amanhecer há uma nova batalha, não posso deixar me abater pela situação que me encontro, pois se isso acontecer, voltarei a ser um perdedor, e eu é que não quero isso pra mim. (J1)

Podemos trazer ainda a identificação com a homossexualidade narrada por um jovem; a identidade de prisioneiro solitário, perpassada em quase todas as narrativas de forma indireta; e a identidade de alunos, pois, com a escola inserida é possível voltar a ter este pertencimento, nem que seja como ponto de fuga, não mais através das drogas, mas saindo da solidão do *brete*⁵ e ocupando a inusitada “cela de aula” (LEME, 2007).

J2 nos diz que “*ser um jovem gay em privação de liberdade é muito difícil para mim porque não tenho amigos, a maioria dos adolescentes daqui do CASE me criticam*”. O preconceito com a identidade assumidamente *gay* toma uma dimensão ainda maior nos espaços do confinamento. Segundo SOARES (2004, p. 133), “o preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e a substitui por uma imagem caricata que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações de quem projeta o preconceito”. Através de narrativa oral, J9 expressou ser muito difícil aceitar a homossexualidade do companheiro de confinamento, indicando que eles já perderam a dignidade e a liberdade e que seria muito duro aceitar a perda também da masculinidade.

Finalizando, trazemos a solidão, como um elemento presente nos espaços da privação da liberdade. Conceito difícil de definir e de dimensionar, pois ao mesmo tempo em que os jovens investigados situam-se em contextos de isolamento, eles também mantêm relacionamentos: com os outros confinados; com os professores; com os técnicos; com o mundo externo através das notícias e ou visitas da família; com o espaço íntimo do eu, através dos pensamentos. Dispensando maiores comentários, um trecho do poema do jovem J7 expressa a solidão vivida na privação da liberdade:

Sou um pequeno pássaro,
Que vive em uma grande gaiola.
Privado da minha liberdade,
Tudo o que sinto é saudade,
Sou um prisioneiro
Triste e solitário. (...)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício da escuta dos ecos das escritas de si, protagonizadas pelos jovens da nossa pesquisa, nos exige o desenvolvimento e aplicação de competências que se aproximam de uma atitude detetivesca, em direção à decifração de enigmas. O paradigma indiciário (GINZBURG,

⁵ Expressão usada para referir o espaço do quarto.



2009), combinado com os procedimentos da análise textual discursiva (MORAES, 2007), constitui uma escolha que nos coloca nas rotas da História Cultural, campo de estudo que se ocupa dos processos com os quais os sujeitos, através de suas narrativas, constroem sentidos para as coisas (CHARTIER, 1988).

As identidades culturais envolvidas na trajetória de cada jovem associadas às culturas prisionais apropriadas na experiência do confinamento manifestam-se na forma como cada um expressa e traduz a realidade. Os signos evocados em cada situação, em geral, apresentam-se de forma cifrada, indicando as representações construídas sobre o seu vivido, quer nos contextos individuais, quer nos contextos coletivos. Nosso papel, como pesquisadores, é, pois, ir em busca da decifração dos enigmas do cotidiano dos jovens que nos emprestam suas palavras para análise.

Ao recortar algumas unidades de sentido das cartas dos jovens e organizá-las em torno de categorias, procuramos uma leitura, muitas vezes, através de “pistas mudas” (GINZBURG, 2009). Portanto, o desafio que se coloca é dar voz à nossas fontes, através da descrição, análise e interpretação, processo que continua nas fases seguintes ao percurso iniciado.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricas**, vol. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200> Acesso em 28 mai. 2010.
- CÂMARA, Heleusa Figueira. **Além dos muros e das grades (discursos prisionais)**. São Paulo: EDUC, 2001.
- CAMARANO, Ana A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução-Maria Manuela Galhardo. Lisboa, 2.ed. – Difusão Editorial S.A., 1988.
- DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Afrontamento, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei a minha mãe, a minha irmã e o meu irmão**. Lisboa: Terramar, 1997.
- _____. **O que é um autor?** Lisboa: Editora Passagens, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais**. Tradução de Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.



LEME, José Antonio Gonçalves. A cela de aula: tirando a pena com as letras. *In*: ONOFRE, Maria Cammarosano. **Educação entre as grades**. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de la juventud. *In*: CUBIDES, Humberto; TOSCANO, Maria Cristina; VALDERRAMA, Carlos Eduardo (Ed.). **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Santa Fé de Bogotá: Fundación Universidad Central; Paidós, 1998.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

_____. **Vivencia y convivência: teoria social para una era de la información**. Madri: Trota, 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2007.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbar, 2005.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. *In*: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.